



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

TERREIRO DE CANDOMBLÉ: UMA PROPOSIÇÃO DE ARQUITETURA e PAISAGISMO CONTEMPORÂNEOS

GUTEMBERG JUNIOR SILVA SOUZA¹

SIMONE NEIVA²

1. Resumo: Este artigo é um exerto do Trabalho de Conclusão no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha, intitulado “Arquitetura religiosa de matriz africana: as casas de santo do candomblé” (2014). A pesquisa busca compreender a razão pela qual, passados cinco séculos dos primeiros *calundus* coloniais, os terreiros ainda hoje apresentem basicamente a mesma configuração espacial e uma tectônica pouco expressiva. Um dos produtos da investigação é uma proposição projetual em um terreiro imaginário na Ponta da Fruta, Vila Velha, Espírito Santo. A metodologia alia leituras, visitas a terreiros, entrevistas, coleta de imagens de novos materiais e formas arquitetônicas e paisagísticas. O resultado é a proposta de implantação do Ilê Axé Lagoa de Oxum e uma série de propostas para pejis. A intenção é uma reflexão – a partir do texto, das imagens referenciais e do desenho – sobre as seguintes questões: poderiam a arquitetura e o paisagismo contemporâneos traduzir a rica simbologia e a plenitude dos significados presentes nos espaços dos terreiros de candomblé? Como seria o espaço de um terreiro atualizado pelas formas do século XXI?

Palavras-chave: arquitetura; paisagismo; terreiro e projeto contemporâneo.

1. OS ESPAÇO DOS TERREIROS DE CANDOMBLÉ

Datam do século XVII, os primeiros registros sobre a existência dos cultos africanos em terras brasileiras (D’OSOGIYAN, 2011). Com eles surgem os primeiros espaços sagrados de manifestação religiosa de matrizes africana no país. Estes espaços, originalmente denominados *calundus colonais* (Fig.1), são hoje conhecidos como terreiros. Nestes espaços os negros escravizados se organizaram político-social-religiosamente, resistindo a toda sorte de males advindos de sua nova condição.

¹ Gutemberg Junior Silva Souza/ Arquiteto pela Universidade Vila Velha/ sisogutemberg@gmail.com

² Simone Neiva/ Professora Doutora/ Universidade Vila Velha/ Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo/ email: simone.neiva@uvv.br



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Fig.1. Zacharias Wagener (1614 – 1668)

Fonte: <http://ahistoriapresente.blogspot.com.br>

Acesso em: 3 de setembro de 2017

Geograficamente, o termo terreiro refere-se tanto à uma faixa de terra plana e larga, podendo ser entendido como chácara, roça e sítio, quanto ao terreno onde se realizam rituais de cultos afro-brasileiros (AULETTE, 2004). Espiritualmente, o terreiro é o lugar no qual “se acham presentes as representações dos espaços que se assenta a existência: o Orum (o invisível, o além) e o Aiyê (o mundo visível)” (RISERIO, 2012, p.159), sendo também denominado de Ilê Axé (Ilê= casa, Axé= força vital) ou casa de santo. Neste espaço a dimensão simbólica se sobrepõe à materialidade arquitetônica, não havendo no terreiro “um templo que remeta à arquitetura Africana Negra”. De fato, como construção, o que se vê é a casa brasileira, uma casa corriqueira, do tipo popular” (RISERIO, 2009, s.n.).

Assim, ao longo dos séculos, os terreiros foram se constituindo na quase completa ausência da arquitetura. Uma condição que pode ter se desenvolvido sob a influência do artigo quinto da Constituição Política do Império do Brasil, de 1824, onde lê-se que “A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso determinadas, sem forma alguma exterior de Templo” (RISERIO, 2012, p.160). O antropólogo Antonio Risério vê aí, ao mesmo tempo, uma permissão e uma proibição. Mas há que se notar, que trata-se de uma proibição arquitetônica.

Contudo, a despeito da pouca presença tectônica, os terreiros possuem uma rica organização espacial que geralmente se apresenta como dois espaços principais: “a área contruída e o terreiro, não construído, que “de forma mais ou menos imaginária, representa a ‘mata’ [Africana] (BARROS, 2000, p.32). De modo semelhante, esta dupla conjugação também foi definida como: “um espaço urbano, compreendendo as



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

construções de uso público e privado; e um espaço virgem, que compreende o mato, lugar que equivale à floresta africana” (RISÉRIO apud JUANA, 2012, p.159).

No terreiro, o espaço não construído é denominado espaço verde ou mato sagrado. Nele são realizados rituais, e são implantadas as habitações de alguns orixás. Neste espaço as plantas têm importância fundamental. Suas qualidades farmacológicas, botânicas e sua relação com os orixás são transmitidos de pai/mãe de santo para seus filhos nos rituais. O espaço verde permite tanto o cultivo de plantas rituais, como uma horta que oferece tanto alimentos para o consumo da comunidade, quanto a imantação física da habitação de alguns orixás que estão ligados à natureza, como é o caso do orixá Ossain “patrono das folhas” (GOMBERG, 2011, p.41).

A presença do **espaço mato ou espaço verde** é crucial para as atividades do terreiro. Para o corpo de fiéis este espaço ultrapassa a representação religiosa, agindo na promoção da saúde e do bem estar. Os terreiros frequentemente são procurados como “pronto socorro espiritual” (GOMBERG, 2011, p.11), pois abrigam rituais que restauram o equilíbrio físico e emocional. Neste sentido, mais que um espaço de encontro e comunhão entre o homem e os orixás, o terreiro é um espaço de saúde e uma alternativa terapêutica às dificuldades da vida.

Quanto aos espaços construídos, os terreiros não apresentam um padrão tipológico tradicional. Entretanto, ele obedece a tradições ligadas a cada funcionalidade dos rituais, e dependem do tipo de espaço que o pai/mãe de santo possui para estabelecer sua construção. O aspecto e a dimensão da construções estão ligados, às condições financeiras da liderança e do grupo religioso. Um terreiro mais rico e de maior dimensão, pode ser mais complexo, podendo ser dividido em até cinco espaços (VALLADO, 2010): o espaço cultural, onde os filhos de santo e convidados entram em comunhão após rito; o espaço pré-iniciatório: salão, sabaji e cozinha, ambientes onde são realizados especificamente os ritos; os espaços dos santos ou peji, que são pequenos quartos e assentamentos onde habitam as divindades; e o espaço



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

iniciatório, de uso e acesso exclusivo aos filhos de santo, conhecido como rundeimi ou ronkó.

Cinco séculos após o surgimento do calundu colonial, os terreiros apresentam basicamente a mesma configuração. Hoje uma questão se coloca – Poderia a arquitetura e o paisagismo contemporâneos traduzirem por meio de novos materiais a rica simbologia e a plenitude dos significados presentes nos espaços dos terreiros? Como seria o espaço de um terreiro atualizado pelas formas do século XXI? Estas foram algumas das perguntas colocada pelo arquiteto Gutemberg Souza, em seu trabalho de Conclusão no Curso “Arquitetura religiosa de matriz africana: as casas de santo do candomblé” (2014) apresentado à Arquitetura e Urbanismo da Universidade Vila Velha. A partir de questionamentos como este surge uma investigação que entrelaça, por um lado os conhecimentos (leituras, visitas e entrevistas) sobre os espaços sagrados de manifestação religiosa de matrizes africana no Brasil, e por outor a pesquisa de imagens de novos materiais e formas arquitetônicas e paisagísticas contemporâneas. A finalidade foi projetar um terreiro para o nosso tempo, como uma modo refletir sobre tal potencialidade. Como resultado surge a proposição para um terreiro imaginário, a ser hipoteticamente implantado em Vila Velha, Espírito Santo. A seguir será apresentado o processo projetual, partindo da análise da área escolhida, passando pela proposta de implantação, pela coleta de imagens referenciais, chegando até o desenho dos espaços desejados³.

2. ILÊ AXÉ LAGOA DE OXUM: UMA PROPOSIÇÃO CONTEMPORÂNEA

2.1. LOCALIZAÇÃO

O terreno escolhido para a proposição está localizado no distrito Ponta da Fruta, Vila Velha, distante 22 km de Vitória, capital do Estado do Espírito Santo. A área possui

³ Cada Peji apresenta um jogo completo de plantas arquitetônicas, contudo, em respeito ao limite de espaço oferecido para o artigo foram expostas somente as fachadas.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

topografia predominantemente plana, com suaves elevações. Devido à expansão da malha urbana a vegetação natural foi alterada, contudo há áreas remanescentes de mata atlântica e restinga.

O acesso, a partir de Vitória ocorre pela Rodovia do Sol. A região possui belas praias, vocação turística e gastronômica. O bairro foi fundado por pescadores que, além da pesca, sobreviviam através do comércio de mandioca, cana de açúcar, milho e banana.

O terreno faz parte da Zona de Ocupação Controlada - ZOC 3. Uma área de baixa densidade populacional e com fatores limitantes à ocupação urbana. Um projeto arquitetônico de terreiro de Candomblé atende aos parâmetros da zona escolhida. O projeto não adensa a área, promovendo a melhoria na infraestrutura do entorno e a requalificação urbana e paisagística, podendo funcionar como um parque ambiental e religioso.

Localizado às margens da Rodovia do Sol, Avenida da Gabiroba, Rua do Abricó e Av. Judite Góes Coutinho, o terreno possui formato trapezoidal e área de 38.000 m² (Fig.2). A escolha considera as necessidades do corpo religioso, tais como espaços verdes, fontes de água natural, e o fato de não necessariamente estar inserido dentro da malha urbana. Neste sentido, a gleba atende as necessidades funcionais e simbólicas do Candomblé.



Figura 2. Vista do terreno



SALVADOR E SUAS CORES 2017
ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Fonte: Acervo do autor (2014)

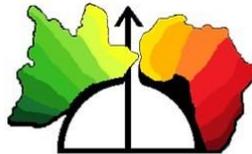
O entorno é caracterizado, predominantemente, por habitações unifamiliares, com gabarito de dois pavimentos e poucas atividades comerciais. Nota-se que muitas residências são para veraneio, época de maior fluxo do bairro.

2.2. IMPLANTAÇÃO

A prioridade na escolha do terreno foi a existência de elementos naturais que acolhessem as relações simbólicas da religião. Assim, o sítio apresenta condições espaciais favoráveis a um terreiro de candomblé: uma lagoa, um espaço mato e a proximidade com o mar. Possui três grandes áreas planas com vegetações baixas ligadas a uma área íngreme faceando a Rodovia do Sol.

Dois elementos importantes caracterizam a área: a rodovia e a lagoa. O terreno encontra-se próximo à rodovia, que possui fluxo intenso dos automóveis, o que demanda tratamento acústico em alguns trechos. Uma lagoa central divide o terreno em duas partes, criando um eixo visual da Rodovia ao mar. O trecho de água é margeado por uma massa mais alta de vegetação e duas áreas de solo arenoso, correndo o risco de eventuais alagamentos.

O projeto (fig.3) buscou preservar a topografia existente, de maneira que houvesse o mínimo de mudança no solo. O acesso principal ao terreiro Ilê Axé Lagoa de Oxum se dá por meio de uma cancela de madeira e um pórtico amarelo. Todo o acesso é cercado por um gradil, com desenhos de peixes de água doce, plantas aquáticas, formas sinuosas como o movimento das águas, símbolos que caracteriza o Orixá a quem é destinado o terreiro. Junto ao acesso há uma grande fonte de água em sinal de limpeza e purificação.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Figura 3. Implantação do terreiro Ilê Axé Lagoa de Oxum Fonte: Acervo do autor (2014)



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

imagens abaixo (fig.4). O círculo, destinado ao acesso público, possui uma paginação que simboliza as encruzilhadas e uma abertura zenital no centro, marcando o ponto de convergência dos acessos. O peji possui um acesso restrito aos filhos de santo e outro um outro acesso que proporcionasse a transição entre o espaço profano e o sagrado denominado "ante-peji". O peji também possui iluminação zenital, para que o orixá tenha contato com a luz natural e com o céu. Os dois círculos são marcados por uma laje protendida e estendida para fora, abraçando uma árvore (fig.5). Nos terreiros a relação com o espaço mato é muito importante, por isso o paisagismo foi pensado juntamente com a arquitetura dos santuários.



Figura 4. Forma circular / volume monolítico / abertura na cobertura / iluminação zenital. Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 3 de setembro de 2017

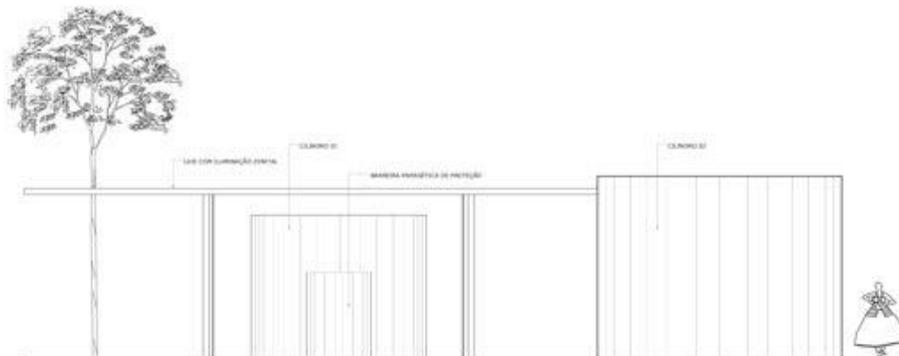


Figura 5. Peji Exu
Fonte: Acervo do autor (2014)

2.3.2. Mirante de Iemanjá

Após a casa de Exu, encontra-se o mirante de Iemanjá. Esse peji foi posicionado em frente ao mar, por se tratar de uma entidade que representa as águas salgadas. O santuário não possui um espaço interno destinado ao público, mas apenas um espaço externo de contemplação e aprendizado sobre a mãe das águas.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Com uma arquitetura em forma trapezoidal, sua fachada é um cone, e nele encontra-se um espelho que refletirá o mar (fig.6). Do lado externo existirão quatro bacias de água. Na bacia à esquerda da casa recebe uma escultura de lemanjá e nas outras três alguns peixes. A arquitetura é referenciada pelas imagens a seguir (fig.7).

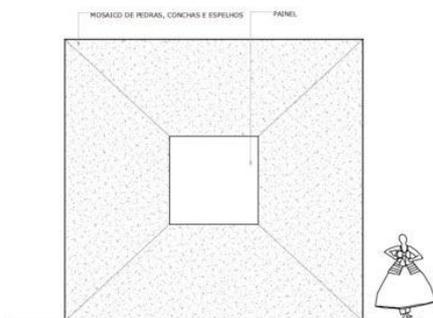


Figura 6. Peji lemanjá
Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 7. Volumetria /Fachada principal com o espelho/revestimento de piso ao pier / Escultura de lemanjá

Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 3 de setembro de 2017.

A casa de lemanjá é acessada por um caminho com muitos coqueiros, oferecendo a sensação da praia. Essa espécie também foi escolhida por ter uma copa alta e não bloquear a vista para o mar.

2.3.3. Centro Cultural

O Centro Cultural (fig.8) fomenta as práticas, que somadas à religião, agregam valores culturais aos filhos de santo, tais como: a costura; a dança; a música; etc. O centro foi pensado para homenagear os Ibejis. Sua forma acompanha a orientação dos ventos predominantes. Possui espaço para recepção, secretaria, sala de reunião/professores, vestiários feminino e masculino, sala de audiovisual, biblioteca, sala de corte e costura, sala de dança e salas de aula multiuso. O centro cultural



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

oferece ao Ilê um importante espaço de aprendizado e troca, onde as pessoas poderão receber tanto os ensinamentos religiosos, quanto a educação básica.

O centro possui uma cantina em frente a uma laje sobre pilotis, onde os usuários do centro poderão contemplar o pátio interno com uma frondosa mangueira, as esculturas dos orixás Ibejis, a lagoa e as demais casas de santo. Abaixo algumas das referências arquitetônicas para o centro cultural (fig.9).

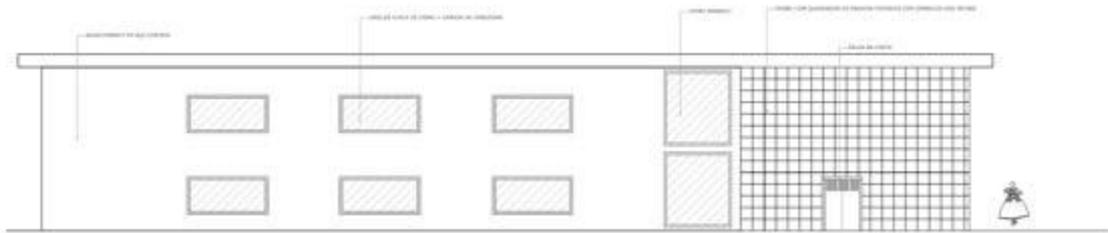


Figura 9. Centro Cultural
Fonte:Acervo do autor (2014)



Figura 8. Iluminação do pátio no corredor / aberturas em treliça/ revestimento de fachada / laje sobre pilotis

Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 3 de setembro de 2017

2.3.4. Peji de Ogum

À frente do centro cultural, assenta-se Ogum, orixá representado pelas pedras e pelo aço. Em todos os terreiros o peji desse orixá fica sempre ao lado do assentamento de Exu, pois as duas entidades são irmãs. Ogum também é um orixá guardião, por isso deve se manter sempre a postos junto ao acesso. Ao lado da casa é proposta uma instalação de ferro que remete aos trabalhos do artista Amilcar de Castro. Nela as sete



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

ferramentas ficarão instaladas em meio às espécies de cactáceas, conferindo beleza a este peji.

Na construção o gabião é o elemento principal. Por ser um material composto por pedra e aço, não haveria outro que representasse o orixá em sua totalidade. O acesso ao peji é marcado por um jardim de pedras. Possui um espaço público com iluminação zenital, garantindo a entrada de luz natural ao ambiente. Abaixo segue algumas referências da proposta ao assentamento de Ogum e a fachada proposta (fig.10) (fig.11).



Figura 10. Jardim de pedra / iluminação zenital / uso do gabião na fachada / estrutura em gabião.
Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 3 de setembro de 2017.

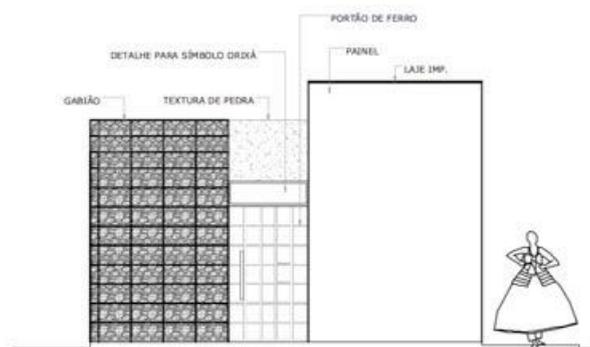


Figura 11. Peji Ogum Fonte:Acervo do autor (2014)

2.3.5. Peji de lansã

O peji de lansã é a casa de transição entre os pejis. Nele o paisagismo muda assinalando que ali habita outro Orixá. Essa ruptura paisagística sugere uma experiência sensorial ao transeunte. Essas sensações agregarão valor à espiritualidade, pois revela a natureza existente dentro de cada entidade ali cultuada.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

lansã é uma entidade destemida, corajosa, senhora das tempestades, dos raios, trovões e ventos. Tais características são materializadas nas árvores de flores vermelhas, cor que a representa. Representando os ventos, serão plantadas árvores que possuam vagens, e assim, com a corrente de ar elas farão barulho, com chocalhos dando boas vindas à lansã.

É desejável que seu assentamento esteja próximo ao de Ogum, pois relatos mitológicos indicam que lansã já teve um relacionamento com ele. A casa de lansã foi articulada segundo a orientação dos ventos dominantes. Seu partido arquitetônico contempla o uso do tijolinho vazado (fig.12), totalmente vedado a certa altura e acima como se fosse um cobogó. Desta forma o vento poderá percorrer o ambiente a todo momento.

O peji de lansã é marcado por nove pilares metálicos nas laterais. A escolha do material deu-se pela relação que a orixá dos ventos teve com o orixá do ferro (Ogum). Os pilares representam seus nove filhos, pois é considerada como o orixá que abençoa as mulheres que querem engravidar. Abaixo imagens que representam a construção deste peji (fig. 13).

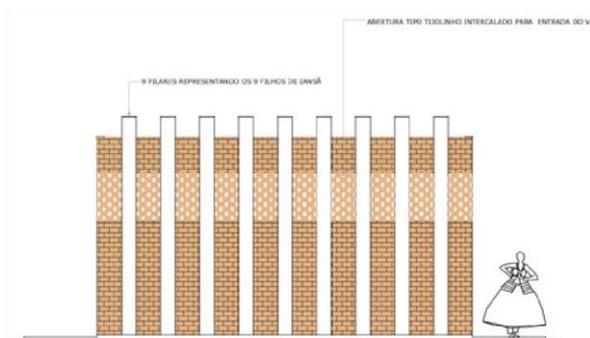


Figura 12. Peji lansã

Fonte:Acervo do autor (2014)



Figura13. Detalhe de ventilação / cobogó

Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 3 de setembro de 2017.

2.3.6. Peji de Xangô

Ao lado de lansã é proposta a arquitetura dedicada ao Xangô. Orixá da justiça, ele é muito importante dentro de todos os terreiros. Representa o fogo, elemento do qual



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

divide o poder com sua esposa. Sua casa possui o formato de uma machadinha, ferramenta principal de Xangô (fig.14). Um dos lados totalmente vedado e um todo aberto. A luminosidade do ambiente é proporcionada por cobogós com desenhos gráficos do fogo. No acesso central, uma laje de concreto protendido que avança, convida todos a entrar e saudar o orixá. Ao final da laje está sua fogueira. Em todas as festas dedicadas a este santo acende-se uma fogueira, ao redor da qual há danças e homenagens.

No alto da fogueira, uma estrutura metálica em aço cortein, simboliza a coroa do orixá que foi um dos reis de uma cidade chamada Oió. A coroa funciona também para vazão da fumaça. As figuras abaixo são algumas referências (fig.15).

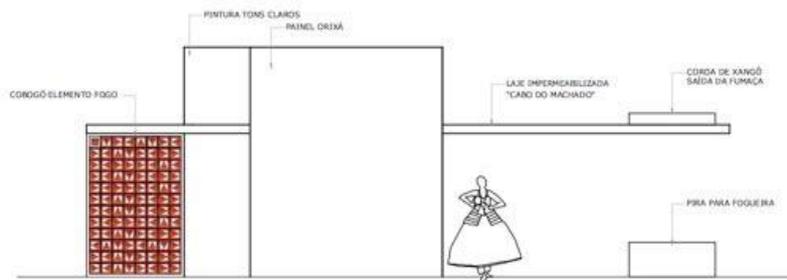


Figura 14. Peji Xangô Fonte:Acervo do autor (2014)

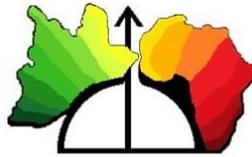


Figura 15. Coroa de Xangô.

Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 3 de setembro de 2017

2.3.7. O Barracão

A casa de Xangô fica em frente ao barracão central. Nesse espaço encontram-se agrupadas às casas de Xangô e Oxalá, o sabaji, o rundeimi, banheiros públicos e



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

cozinha dos santos. Adotou-se o círculo como forma principal para essa arquitetura, principalmente porque todas as danças e todos os rituais que se fazem no candomblé é girando. Um termo muito comum de se ouvir o filho de santo dizer é: "a gira de xangô", "a gira de ogum", Acredita-se que esta maneira circular favoreça a fluidez da energia interna no ambiente. Nenhuma "casa do xiré" pode ter laje como cobertura. Há uma necessidade simbólica de que as casas tenham apenas telhado, pois nele assentam-se muitos orixás. Todo o barracão será de alvenaria convencional e cobogó, permitindo a entrada de luz natural, minimizando o gasto energético. Dentro do barracão central é disposto as casas de Oxalá e Xangô, uma área para depósito de cadeiras e/ou qualquer objeto necessário para as festas e cerimônias.

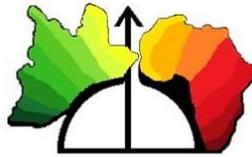
O espaço do barracão possui uma arquitetura simples, possibilitando várias adequações internas determinadas pelo ritual e o orixá cultuado no dia. A partir de seu interior se tem acesso à cozinha de santo.

2.3.8. Casa do Pai de Santo

Próximo do barracão tem-se a casa do pai de santo. Ela foi proposta em somente como uma demarcação de área, devendo ser definida após um estudo mais aprofundado sobre as necessidades do babalaô ou ialorixá responsável pela roça. Além dela, foram prevista duas casas que servem de habitação para os familiares do líder espiritual e também como acolhida a filhos de santo/pais de santo de outras cidades.

2.3.9. Peji de Ossain

Ossain é o orixá das folhas e ervas sagradas. Sabe-se que nenhum ritual acontece sem a presença dele, pois ele domina toda a sabedoria sobre as especiarias usadas nos ebós. Para o peji de Ossain foi previsto o plantio de espécies frutíferas que atraiam pássaros em busca de alimento. Sabe-se que a ferramenta do orixá é uma lança com



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

um pássaro na ponta, assim buscou-se essa relação simbólica. Na área externa serão previstas duas fontes, para que esses pássaros possam beber água.

A forma da arquitetura deste peji (fig.16) permite a existência de uma horta que pode ser acessada pelo lado externo, e que pode ser visualizada por dentro. A fachada receberá apenas chapisco coberta com hera constutindo, após o crescimento, uma fachada totalmente verde.

O acesso é marcado por um portão de ferro com o desenho de folhas e no espaço público o símbolo de Ossain ao fundo do corredor. As imagens abaixo exemplificam o partido arquitetônico desse santuário (fig.17). A habitação ficará próxima ao barracão e à casa do pai de santo, para facilitar o deslocamento para a colheita de ervas sagradas necessárias aos rituais.



Figura 16. Peji Ossain Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 17. Parte interna do peji de ossain / portão / bacias de água para os pássaros / detalhe da hera. Fonte: <https://br.pinterest.com/>

<https://cultivarbiodiversidade.wordpress.com/http://footage.framepool.com> Acesso em: 3 de setembro de 2017.

2.3.10. Peji de Oxóssi



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Próximo à Ossain está o assentamento de Oxóssi. Camuflado entre a vegetação, o Orixá caçador foi posicionado próximo à lagoa, em frente ao peji do seu filho Logun Edé e de sua esposa Oxum. Por ser uma entidade relacionada à caça, sua casa é toda revestida com espelho, de modo que o volume desapareça em meio à mata e refleta o céu. Sua Arquitetura possui quatro aberturas como as janelas seteiras (fig.18), onde as pessoas ficavam a espreita com o arco e fecho pra qualquer ataque. No paisagismo há diversas espécies de árvores e flores, sobretudo a hortências na cor azul claro, cor principal do Orixá. Abaixo as referências que propõem o partido arquitetônico (fig. 19).

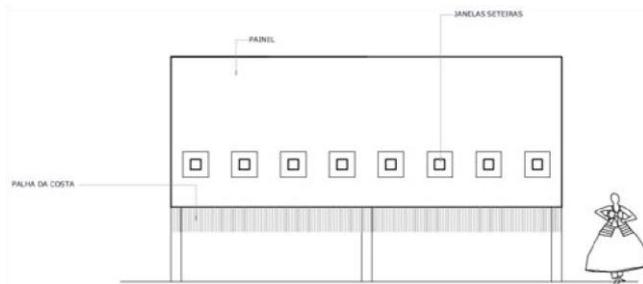


Figura 18. Peji Oxossi
Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 19. Janelas seteiras/Hortências no paisagismo.
Fonte: <https://br.pinterest.com/>Acesso em: 22 de setembro de 2017

2.3.11. Peji de Nanã

Em frente a lagoa habita Nanã. Sendo ela o orixá da lama, vive entre a água e a terra. A arquitetura de sua casa encontra-se na transição os dois elementos que formam o solo característico dos manguezais. Nanã é uma entidade anciã, senhora cheia de ensinamentos e tradições. Sua casa sobre pilares é de madeira, como uma palafita (fig.20). Implantada parte na água, a casa de Naña (fig. 21) respeita a relação simbólica.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO



Figura 20. Palafita

Fonte: <http://blogdopetcivil.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

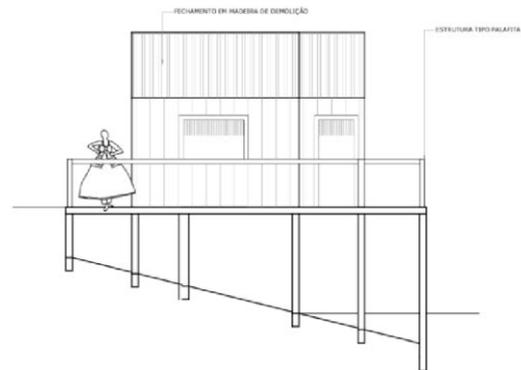


Figura 21. Peji Naña

Fonte: Acervo do autor (2014)

O entorno do peji da mais velha orixá do panteão nagô é marcado com plantas que possuem flores nos tons de rosa e lilás, sua cor específica. Algumas espécies possuem raízes aéreas como é o caso da Paxiúba, simbolizando a entidade que habita nos manguezais.

2.3.12. O peji de Oxumarê

O peji de Oxumarê apresenta um forma movimentada, por se tratar da morada do orixá representado pela cobra e associado ao arco-íris. Por essas razões, propusemos uma fachada com suas cores, de modo que o transeunte, ao percorrer o caminho, se depare com uma nova cor a cada momento.

No paisagismo deste peji duas principais espécies de plantas são destaques: a palmeira azul, em forma de arco e o eucalipto arco-íris com caule colorido. Pode-se compreender o partido arquitetônico desta morada através das seguintes imagens (fig.22).

O volume é pensado em alvenaria convencional, com cobertura com em telhas translúcidas, para que o orixá tenha contato com a chuva e a luz do sol e da noite, elementos que determinam a presença do orixá na terra. Internamente, o peji (fig.23) terá um forro de palha ou treliça de madeira para minimizar a incidência do sol.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

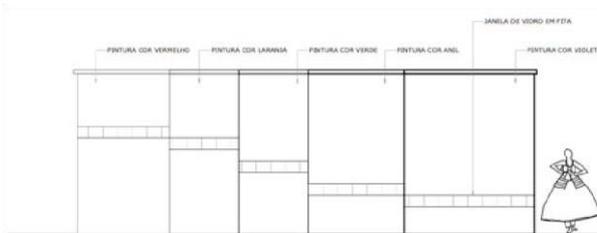


Figura 22. Vegetação em arco/ cores na fachada Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

Figura 23. Peji Oxumaré Fonte: Acervo do autor (2014)

2.3.13. Casa de Onilé

A bibliografia especializada pouco descreve a entidade Onilé. Sabe-se contudo sobre um mito descrito por Reginaldo Prandi⁴ (nota). Em respeito à narrativa foi proposta uma habitação feita de terra (fig.24). Para tanto o pau-a-pique (fig.25) foi escolhido como método de representação simbólica do orixá nesta arquitetura. Em se tratando de uma entidade recatada, o peji foi posicionado longe do barracão onde acontecem todas as cerimônias festivas do Ilê. Ao lado do assentamento de Onilé será plantada uma árvore frondosa, com raízes que garantam uma conexão com uma grande extensão de terra.

⁴ O mito narra que Onilé era a filha mais tímida do deus Olorum, e sempre que havia festas no palácio ela cavava um buraco no chão e se escondia. Certo dia Olodumaré deu uma grande festa e convidou todos os seus filhos orixás, onde os mesmos deveriam ir com sua melhor veste. Cada orixá chegou bonito e arrumado e a todos foram dadas as riquezas da terra. Quando todos estavam felizes com seus presentes o senhor supremo pediu silêncio e disse que ainda faltava um presente a ser dado: a própria terra, onde estão todas as coisas. Todos se perguntaram quem seria o beneficiado, e ele respondeu "Onilé, aquela que se veste da própria terra" In: PRANDI, R.. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das letras, 2012.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

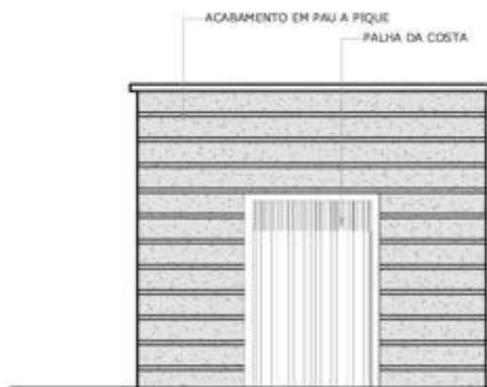


Figura 24. Peji Onilé
Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 25. Arquitetura de pau a pique
Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

2.3.13. Peji de Omolu

Omolu é o orixá senhor das enfermidades e traz no próprio corpo a marca da cura. Um mito narra que Iansã curou suas feridas trazidas pela varíola com pipocas. Devido a essas manchas em seu corpo o orixá usa uma veste feita de palha da costa, que são fios desfiados do dendezeiro. Omolu também é conhecido como Obaluaê. O partido arquitetônico adotado na construção do seu peji é o formato circular, semelhante ao cone gerado por chapéu em forma de manto que cobre o orixá. O peji possui um único acesso, sem área pública como muitas das casas apresentadas. As informações sobre o orixá ficarão do lado externo.

O círculo será em alvenaria com fachada ventilada em bamboo (fig.26), propondo a relação com a roupa do orixá. Por ser ele um ancião, será assentado afastado do barracão, agraciando com um ambiente mais tranquilo. Ao redor da sua habitação estarão árvores com copas altas como o Jequitibá e espécies de caules finos, como o eucalipto, o bambu e o dendezeiro. Abaixo algumas referências ao conceito arquitetônico adotado na proposta do peji de Omolu (fig.27).



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

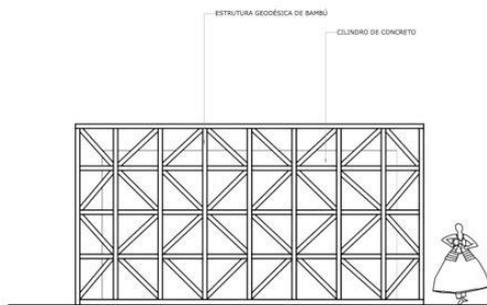


Figura 26. Peji Omolu
Fonte: Acervo do autor



Figura 27. fachada ventilada/ treliça em bambu
Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

2.3.13. Peji de Logun Edé

Logun Edé é um orixá que domina a caça e a pesca, é conhecido como orixá pescador. Seu peji (fig.28) possui uma arquitetura em madeira, semelhante às casas de praia (fig.29). Possui um deque sobre a lagoa, e a ele preso um barco (fig.29) para manutenção das plantas aquáticas que crescerão dentro de bacias no centro da lagoa. A casa será recuada da calçada, com acesso por um corredor de palmeiras rabo de peixe, reforçando o simbolismo com as águas.



Figura 29. Peji Logun Ede do Barco
Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 28. Estrutura em bambu/representação
Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

2.3.13. Peji de Oxum

Sendo Oxum a senhora das águas doces, dos rios e cachoeiras, seu assentamento tem muita importância dentro do terreiro. Ela é a patrona da roça projetada. A ela Olorum entregou todo o ouro proveniente da terra. Sua cor é o amarelo. Sua arquitetura (fig.30) está localizada ao centro do terreno e posicionada em frente à



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

lagoa. Articulada em forma de platôs, a casa transforma-se em uma cachoeira artificial, matando a sede de todos. O peji será revestido com um mosaico de pedras amarelas e espelhos. No alto, uma grande bica manterá o movimento das águas. No último platô haverá estátuas de barro, representando povos em busca de água nas cachoeiras de Mãe Oxum.

Simbolicamente as águas dos platôs se estenderão até o lago. Para tanto serão projetadas bacias com plantas aquáticas e lírios. No entorno da residência haverá árvores com possuem folhas e flores de tons de amarelo, tais como a sibipiruna e a acácia mimosa. Abaixo referências conceituais ao peji de Oxum (fig. 31).

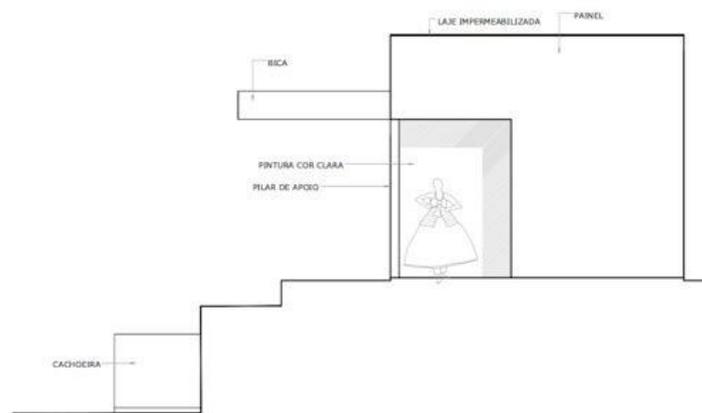


Figura 30. Peji Oxum
Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 31. Platôs / bica com movimento da água / estátuas das mulheres
Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017.

2.3.13. Peji do orixá Baba Egum



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

Por fim, tem-se o peji do orixá Baba Egum (fig.32). Embora seja ele um orixá relacionado à morte, que deve ser banido do convívio com o mundo dos vivos, sabe-se que só após os processos ritualísticos de assentamento do orixá, um pai e mãe de santo tornam-no objeto de culto, gratificando-o por sua ancestralidade. Para a tradição Yorubá, deve-se respeito ao orixá, pois acreditam que o presente e o futuro não existem sem o passado. Ele é o senhor da reencarnação e está associado à lansã, que acompanha os espíritos desencarnados ao Orun (Céu). Lansã é a única capaz de transitar entre os mundos, levar e trazer espíritos desencarnados para dar conselhos aos seus descendentes. A proposta do peji de Babá Egum consiste em um volume monolítico com um painel em detalhes vermelhos na sua fachada principal, pois o vermelho o relaciona à sua condutora lansã (fig.33).

No entorno do assentamento desse ancestral haverá espécies que emitem aromas bons e muitas flores coloridas, em cortesia ao espírito que ali habita. O ambiente com aroma, já próximo ao portão de saída, anuncia a despedida dos visitantes do terreiro ou os filhos de santo.

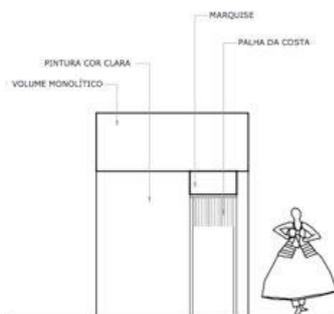


Figura 32. Peji Baba Egum
Fonte: Acervo do autor (2014)



Figura 33. Volumetria e fachada monolítica /
detalhe do painel nas cores de lansã
Fonte: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na investigação do tema, foram realizadas visitas à terreiros diferentes, dois na Bahia e um no Espírito Santo. As entrevistas agregaram valor significativo ao que foi visto e



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

observado. A pesquisa foi enriquecida pela visão dos praticantes da religião. A vivência *in loco* permitiu uma maior compreensão do terreiro e consolidou a ideia de imaginar um terreiro contemporâneo. Cada “casa de santo” foi pensada em seu potencial arquitetônico, artístico e paisagístico.

Mesmo nos terreiros mais simples notou-se que cada assentamento possuía detalhes atribuídos às características dos orixás. Assim, os pejis foram imaginados a partir das especificidades de cada entidade. O objetivo foi materializar, nas formas, técnicas e materiais apresentados nas referências de imagens, as características de cada santo em sua casa e na ambiência que a cerca. A localização do terreno, longe do centro urbano e perto do mar, a dimensão, a topografia e a lagoa também foram essenciais neste sentido.

A principal intenção da proposição foi responder se a arquitetura contemporânea seria capaz de traduzir por meio de novos materiais a rica simbologia e a plenitude dos significados presentes nos espaços dos terreiros de candomblé. Chegamos ao final confiantes sobre esta possibilidade. Sim, por meios de materiais e utilizando uma linguagem arquitetônica atual é possível imaginar um belo espaço de culto, que reconheça e homenageie a cultura afrobrasileira, que renove formalmente este patrimônio cultural mantendo, ao mesmo tempo, seus elementos essenciais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

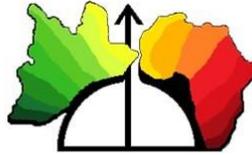
AULETTE, C. **Dicionário da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BARROS, J. F. P. **O banquete do Rei...Olubajé**: uma introdução à música afro-brasileira. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2000.

D’OSOGIYAN, F. **O Calundu – As origens do Candomblé**.

<https://ocandomble.com/2011/10/02/ocalundu-as-origens-do-candomble/>> Acesso em 3 de setembro de 2017.

GOMBERG, E. **Hospital de Orixas**. Salvador:Edufa, 2011.



SALVADOR E SUAS CORES 2017

ARQUITETURAS AFRO-BRASILEIRAS - UM CAMPO EM CONSTRUÇÃO

PRANDI, R. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RISÉRIO, Antonio. **A cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. **A Utopia brasileira e os movimentos modernos**. São Paulo: Editora 34, 2007.

_____. **Negros não foram arquitetos aqui** Disponível em:
<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI3661477-EI6608,00Negros+nao+foram+arquitetos+aqui.html>> Acesso 4 de setembro, 2017.

SANTOS, M.S. 1993. **Meu tempo é agora**. Curitiba: editora Centru, 1993.

VALLADO, A. **Lei do Santo: Poder e Conflito no Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.